

EFEITO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA E ATITUDES FRENTE AO DINHEIRO NA PROPENSÃO AO ENDIVIDAMENTO

EFFECT OF FINANCIAL EDUCATION AND ATTITUDES TOWARDS MONEY ON THE PROPENSITY TO INDEBTEDNESS

O artigo foi aprovado e apresentado no V International Conference in Management and Accounting (ICMA), realizado de forma online entre 13 e 14/11/2023.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar o efeito da educação financeira e das atitudes frente ao dinheiro na propensão ao endividamento, conduzido junto a uma amostra de 318 estudantes de pós-graduação em Administração e Ciências Contábeis no Brasil. A pesquisa utilizou uma abordagem quantitativa e descritiva, com coleta de dados primários via *survey* em corte transversal. As análises incluíram estatísticas descritivas, fatorial e regressão linear. Os resultados indicaram que maior educação financeira está associada a uma redução na propensão ao endividamento e atitudes mais positivas em relação ao dinheiro, enquanto atitudes financeiras apresentaram uma correlação positiva com a propensão ao endividamento. Destaca-se que a educação financeira não apenas reduz a dependência de dívidas não relacionadas aos estudos, mas também aprimora os padrões de pagamento. Além de suas contribuições teóricas, ao fornecer uma perspectiva única acerca da propensão ao endividamento, este estudo evidencia uma contribuição prática ao associar a conscientização e o cuidado aprimorado com as finanças pessoais dos participantes a uma menor propensão ao endividamento.

Palavras-chave: Educação Financeira; Atitudes Frente ao Dinheiro; Propensão ao Endividamento; Finanças Comportamentais.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the effect of financial education and attitudes towards money on the propensity to get into debt, conducted with a sample of 318 postgraduate students in Business Administration and Accounting Sciences in Brazil. The research used a quantitative and descriptive approach, collecting primary data via a cross-sectional survey. The analyses included descriptive statistics, factor analysis and linear regression. The results indicated that greater financial education is associated with a reduction in the propensity to get into debt and more positive attitudes towards money, while financial attitudes showed a positive correlation with the propensity to get into debt. It is noteworthy that financial education not only reduces dependence on debts unrelated to studies but also improves payment patterns. In addition to its theoretical contributions, by providing a unique perspective on the propensity to get into debt, this study makes a practical contribution by associating awareness and improved care of participants' personal finances with a lower propensity to get into debt.

Keywords: Financial Education; Attitudes towards Money; Debt Propensity; Behavioral Finance.

Jéssica Merco do Nascimento e Silva

Doutoranda em Ciências Contábeis e Administração na Universidade Regional de Blumenau (FURB). Mestre em Ciências Contábeis na FURB. E-mail: jmdnsilva@furb.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5633-7743>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4044201496552987>

Stephan Klaus Bubeck

Doutorando em Ciências Contábeis e Administração na Universidade Regional de Blumenau (FURB). Mestre em Ciências Contábeis na FURB. E-mail: sbubeck@furb.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4925-0636>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9931965696275450>

Moacir Manoel Rodrigues Júnior

Doutor em Métodos Numéricos em Engenharia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Ciências Contábeis na Universidade Regional de Blumenau (FURB). Docente do programa de pós-graduação em Ciências Contábeis na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: moacir_ro@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0309-3604>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7547505288125179>

1 INTRODUÇÃO

O endividamento, frequentemente vinculado a consumidores de baixa renda, tem se expandido em países emergentes, fenômeno impulsionado no Brasil pelo fácil acesso ao crédito, frequentemente ofertado por instituições financeiras digitais (D'Orazio, 2019; Klapper & Lusardi, 2019). Dados recentes da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) indicaram em novembro de 2023 que cerca de 76,6% das famílias brasileiras tinham dívidas pendentes (CNC, 2022).

As causas do endividamento são amplamente exploradas na literatura, com três fatores principais que se destacam: situações de baixa renda, o consumo motivado por altos rendimentos e a falta de incentivos para poupar (Katona, 1975). Nesse contexto, a relação entre endividamento e educação financeira é amplamente analisada, ganhando destaque como uma preocupação global mobilizando governos, empresas e indivíduos a compreenderem o nível de conhecimento financeiro da sociedade contemporânea (Trento & Braum, 2022).

No âmbito nacional, o Brasil promulgou o Decreto n° 7.397, de 22 de setembro de 2010, instituindo a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF. Contudo, relatórios emitidos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) revelam um índice alarmante de baixa alfabetização financeira no país (Vieira et al., 2019), acarretando consequências diretas no endividamento e na saúde mental, que afetam diretamente nos aspectos pessoais, profissionais e sociais dos indivíduos endividados (Flores, 2012).

Nesse campo, as finanças comportamentais assumem um papel crucial na compreensão das decisões financeiras, profundamente influenciadas por emoções e valores, sendo determinantes na formação dos padrões de consumo (Durvasula & Lysonski, 2010; Vitt, 2004). A atribuição de significado ao dinheiro e as ações subsequentes estão fortemente ligadas às percepções sobre o materialismo e seus comportamentos (Tang, 1995). Portanto, torna-se essencial compreender as posturas em relação ao dinheiro, pois elas delineiam o comportamento humano, especialmente os hábitos de compra (Durvasula & Lysonski, 2010).

A relação entre educação financeira, atitudes frente ao dinheiro e propensão ao endividamento se justifica como um tema relevante e atual, com implicações diretas na vida dos indivíduos e na orientação de políticas públicas para o controle do endividamento pessoal e para o desenvolvimento de estratégias de aconselhamento financeiro eficazes (Hoffman & MacNair, 2018; Vieira et al., 2019). Assim, este estudo tem como objetivo geral analisar o efeito da educação financeira e das atitudes frente ao dinheiro na propensão ao endividamento entre estudantes de pós-graduação em Administração e Ciências Contábeis no Brasil.

A escolha de estudantes de pós-graduação como público-alvo se justifica por sua relevância estratégica, uma vez que esses indivíduos possuem alto potencial de influência acadêmica e social. Muitos deles poderão atuar como futuros professores, disseminando conhecimentos sobre educação financeira para novas gerações, além de impactar positivamente colegas, familiares e comunidades por meio de práticas e decisões financeiras mais conscientes e fundamentadas. Esses esforços podem reduzir o endividamento, incentivar a poupança e fomentar decisões de investimento mais seguras.

Ao explorar a interação entre educação financeira, atitudes frente ao dinheiro e fatores que influenciam o endividamento, esta pesquisa aborda uma questão de grande relevância contemporânea. Além de evidenciar a importância da educação financeira, esse estudo desempenha um papel preventivo ao mitigar potenciais efeitos negativos do endividamento sobre a saúde física e mental. Adicionalmente, oferece uma base sólida para a formulação de orientações financeiras, estratégias de comunicação mais efetivas e intervenções políticas direcionadas ao controle do endividamento pessoal, contribuindo assim para o bem-estar financeiro e social dos indivíduos (Hoffman & MacNair, 2018; Vieira et al., 2019).

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Efeito da Educação Financeira na Propensão ao Endividamento

A educação, segundo a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, é compreendida como um processo formativo que se desenvolve em diversos contextos, como o ambiente familiar, a convivência social, o trabalho, as instituições de ensino e as manifestações culturais (Brasil, 1996). Essa definição reflete a abrangência da educação, que permeia todos os âmbitos sociais e representa uma fração do modo de vida dos grupos que a moldam continuamente (Brandão et al., 2017).

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2005) define a educação financeira como o processo pelo qual os consumidores e investidores desenvolvem uma compreensão mais aprofundada dos produtos financeiros, conceitos e riscos, e, através de informações, desenvolvem habilidades e confiança para tomar decisões mais conscientes sobre os riscos e oportunidades, entre outras ações voltadas para melhoria do seu bem-estar financeiro. Essa definição destaca que a educação financeira transcende a simples economia de recursos, abrangendo também a compreensão de riscos e oportunidades.

A educação financeira pode ser vista como composta por duas etapas fundamentais: (i) a alfabetização financeira, que capacita os indivíduos a entenderem conceitos e produtos financeiros; e (ii) o empoderamento financeiro, no qual esse conhecimento é utilizado para aprimorar a tomada de decisões financeiras (Becchetti et al., 2013). Essa abordagem é particularmente relevante para pessoas que enfrentam dificuldades financeiras, uma vez que indivíduos com menor conhecimento financeiro tendem a cometer mais erros, como o atraso no pagamento de contas, o que

pode levar a um ciclo de endividamento crescente, agravado pelas altas taxas de juros, especialmente em cartões de crédito (Brown et al., 2016).

Dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (CNC, 2022) mostram que, em 2021, o nível médio de endividamento das famílias brasileiras foi o mais alto em 11 anos, com uma média de 70,9% das famílias brasileiras possuindo algum tipo de dívida. Esse aumento evidencia um maior recurso ao crédito, associado muitas vezes a um desequilíbrio financeiro. O endividamento, no entanto, é frequentemente mal compreendido. Conforme pesquisa realizada pelo SPC Brasil e Meu Bolso Feliz, oito em cada dez consumidores (79,0%) possuem uma noção distorcida do termo endividamento (CNDL, 2016). A maioria dos entrevistados associa endividamento ao não pagamento de contas em dia, especialmente as mulheres (52,3%) e aqueles das Classes A e B (59,6%). Apenas um em cada cinco consumidores (20,2%) compreende o amplo significado do endividamento.

Estudos mostram que a alfabetização financeira está diretamente relacionada ao comportamento financeiro. Gathergood e Disney (2011) identificaram que famílias com baixo nível de alfabetização financeira tendem a recorrer a créditos mais caros, possuem menor patrimônio e enfrentam maiores dificuldades para quitar dívidas. Em contraste, famílias alfabetizadas financeiramente demonstram maior controle e eficiência no uso do crédito, evidenciando comportamentos financeiros mais racionais.

No início da vida adulta, a educação financeira desempenha papel crucial. Brown et al. (2016) investigaram os efeitos do treinamento financeiro sobre os resultados de dívidas em jovens americanos e observaram que o conhecimento matemático e a educação financeira geral reduzem a dependência de dívidas não relacionadas aos estudos e melhoram os comportamentos de pagamento (Brown et al., 2016).

Além disso, Fan e Chatterjee (2019) investigaram o papel da socialização financeira, do conhecimento financeiro e da educação financeira nos comportamentos de pagamento de empréstimos estudantis. Os resultados indicaram que os indivíduos que receberam educação financeira, seja no ambiente acadêmico ou profissional, apresentavam menor probabilidade de atrasar pagamentos ou de se preocupar com dívidas. Adicionalmente, aqueles que aprenderam sobre finanças com os pais mostram menos preocupações relacionadas a empréstimos estudantis, evidenciando a importância da socialização financeira familiar (Fan & Chatterjee, 2019).

Observa-se, portanto, que a alfabetização financeira, um resultado fundamental da educação financeira, desempenha papel fundamental na gestão eficaz de dívidas. Ela aprimora a compreensão dos indivíduos sobre produtos e serviços financeiros, permitindo que eles tomem decisões informadas e evitem dívidas excessivas. Por exemplo, foi demonstrado que a alfabetização financeira reduz a propensão ao risco, o que pode levar a comportamentos de empréstimo mais cautelosos (Iannario et al., 2024; Jumady et al., 2024).

Além disso, a educação financeira influencia o comportamento financeiro ao inculcar melhores habilidades de orçamento e planejamento financeiro, essenciais para a gestão das finanças pessoais. Nesse sentido, a educação financeira pode melhorar o comportamento orçamentário entre estudantes universitários, que é uma habilidade crítica para gerenciar finanças pessoais e evitar dívidas (Tan et al., 2024). A educação financeira também promove a autoeficácia financeira, motivando os indivíduos a se envolverem em comportamentos financeiros proativos que mitiguem o acúmulo de dívidas (Jumady et al., 2024).

Diante do exposto, pressupõe-se que quanto maior o nível de educação financeira das pessoas, menor é sua propensão ao endividamento. Assim, foi formulada a primeira hipótese de pesquisa:

H₁: A educação financeira está relacionada negativamente com a propensão ao endividamento.

2.2 Efeito da educação financeira nas atitudes frente ao dinheiro

A literatura aponta que as atitudes em relação ao dinheiro são multifacetadas, capaz de evocar tanto emoções positivas, como liberdade e qualidade, quanto negativas, como desconfiança e inadequação (Medina et al., 1996). Tang (1995) observa que a busca pelo dinheiro e a ampliação de sua posse são objetivos comuns entre as pessoas, que tendem a ajustar seus padrões de consumo conforme sua renda aumenta. Esse foco crescente no dinheiro molda aspectos significativos do comportamento do consumidor, transformando-o em uma força psicológica que pode estar associada ao materialismo ou à vaidade (Durvasula & Lysonski, 2010).

Para investigar estas nuances, Yamauchi e Templer (1982) desenvolveram a Escala de Atitudes em Relação ao Dinheiro (MAS), uma ferramenta multidimensional que avalia perspectivas sobre dinheiro, como poder-prestígio, retenção, desconfiança, qualidade nas compras e ansiedade. A escala é baseada em fundamentos psicológicos e psicanalíticos, destacando três dimensões principais: segurança, retenção e poder-prestígio.

Medina et al. (1996) aplicaram a MAS em consumidores mexicanos e anglo-americanos, identificando diferenças culturais nas dimensões de retenção/tempo e qualidade. Os consumidores de ambas as culturas apresentaram baixa propensão a adiar gastos em troca de gratificação futura, desafiando a ideia de que consumidores hispânicos priorizam bens de prestígio. Em outra pesquisa, Dowling et al. (2009) examinaram como problemas financeiros influenciam atitudes em relação ao dinheiro e à busca por aconselhamento financeiro. A amostra consistiu em 400 jovens trabalhadores australianos, e os resultados destacaram a importância de iniciativas educacionais direcionadas a mudanças nos hábitos financeiros e na aceitação de apoio profissional para lidar com dificuldades econômicas.

Durvasula e Lysonski (2010) examinaram as atitudes dos jovens consumidores chineses em relação ao dinheiro e seu impacto em elementos do comportamento do consumidor, especialmente no que diz respeito ao materialismo e à vaidade. Usando a MAS, os resultados indicaram que o materialismo estava associado às dimensões de poder-prestígio e ansiedade, enquanto a vaidade foi influenciada apenas pelo poder-prestígio.

A educação financeira tem se mostrado um fator transformador na formação de atitudes mais saudáveis em relação ao dinheiro. Becchetti et al. (2013), por exemplo, conduziram um experimento randomizado em 36 escolas italianas para avaliar o impacto de um curso de 16 horas sobre alfabetização financeira. Os resultados demonstraram melhorias significativas na compreensão financeira dos participantes, ampliando sua propensão a interpretar artigos econômicos e aprimorando atitudes em relação a investimentos.

Qamar et al. (2016) aprofundaram a relação entre atitudes frente ao dinheiro e comportamento financeiro, destacando o papel moderador do conhecimento financeiro e da autoeficácia. Em um estudo com universitários empregados, os resultados revelaram que atitudes positivas em relação ao dinheiro e maior conhecimento financeiro estavam associados a melhores práticas de gestão financeira pessoal. O conhecimento financeiro também teve um efeito moderador, intensificando o impacto das atitudes no comportamento financeiro.

Kaiser et al. (2022) contribuíram com uma revisão abrangente sobre o impacto da educação financeira em 76 experimentos randomizados, envolvendo mais de 160.000 indivíduos. Os achados confirmaram efeitos positivos significativos no conhecimento e comportamento financeiro, reforçando a eficácia de programas educacionais para modificar atitudes frente ao dinheiro.

Com base nessa fundamentação teórica, formula-se a seguinte hipótese de pesquisa:

H₂: A educação financeira está relacionada negativamente com a atitude frente ao dinheiro.

2.3 Efeito das atitudes frente ao dinheiro na propensão ao endividamento

Watson (2003) examinou variações na propensão a gastar ou economizar e nas atitudes relacionadas ao pedido de empréstimos, considerando diferentes níveis de materialismo entre os indivíduos. A pesquisa, realizada por meio de questionários aplicados a residentes do estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos, revelou que indivíduos altamente materialistas têm maior probabilidade de se identificarem como gastadores e demonstram atitudes mais favoráveis em relação ao uso de empréstimo.

Durvasula e Lysonski (2010) classificaram os consumidores em três categorias com base em suas atitudes em relação ao dinheiro: aqueles que o veem como uma ferramenta de poder, os que expressam desconfiança em interações financeiras e os que consideram o dinheiro uma fonte de ansiedade. Consumidores que associam o dinheiro ao poder social tendem a adquirir bens materiais para ostentar status, o que pode levar a compras compulsivas. De forma semelhante, consumidores que percebem o dinheiro como fonte de ansiedade tendem a recorrer a compras compulsivas como um meio de aliviar essa ansiedade (Durvasula & Lysonski, 2010).

Sotiropoulos e d'Astous (2013) conduziram um estudo com uma amostra de 225 estudantes universitários de administração, visando destacar a influência do ambiente social no comportamento dos jovens consumidores em relação ao uso do cartão de crédito. Os resultados revelaram que fatores sociais exercem um impacto significativo nos gastos excessivos com cartão de crédito em geral. Ou seja, a propensão dos consumidores jovens a gastar mais com cartões de crédito é positivamente influenciada pelas percepções e comportamentos financeiros de seus contatos pessoais.

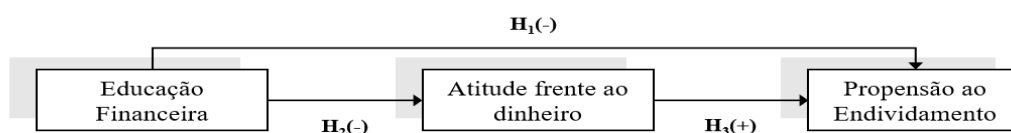
No Brasil, Flores e Vieira (2014) propuseram um modelo comportamental para avaliar a propensão ao endividamento, com base em dados de 1.046 residentes de Santa Maria (RS). Os resultados indicaram uma associação significativa entre percepção de risco, comportamento conservador diante de riscos e níveis de endividamento e materialismo. O estudo também identificou diferenças nos níveis de endividamento com base em variáveis sociodemográficas, evidenciando a importância desses fatores no comportamento financeiro (Flores & Vieira, 2014).

De forma semelhante, Oliveira (2020) investigou os fatores comportamentais que influenciam a propensão ao endividamento, utilizando uma amostra de 319 estudantes de uma universidade privada de São Paulo. Os resultados apontaram que o comportamento é o principal fator associado à propensão ao endividamento, enquanto variáveis sociodemográficas como sexo, raça, estado civil, ocupação e renda também influenciam o grau de endividamento. Além disso, os níveis de percepção de risco, materialismo e propensão ao endividamento foram semelhantes entre os grupos endividados e não endividados, enquanto os níveis de comportamento e racionalidade financeira diferiram entre esses grupos.

Nesse contexto, presume-se que as atitudes em relação ao dinheiro estão positivamente associadas à propensão ao endividamento. Assim, formula-se a seguinte hipótese de pesquisa:

H₃: A atitude frente ao dinheiro está relacionada positivamente com a propensão ao endividamento.

A Figura 1 apresenta o modelo teórico do estudo retratando as hipóteses formuladas.

Figura 1- Modelo Teórico da Pesquisa

3 METODOLOGIA

3.1 População, amostra e procedimentos de coleta de dados

Este estudo adota uma perspectiva quantitativa descritiva, utilizando levantamento de dados primários por meio de um survey, com um desenho de pesquisa transversal. A população-alvo consiste em alunos de pós-graduação em administração e contabilidade, vinculados ao nível de *stricto sensu*. A identificação dos programas de pós-graduação foi realizada por meio de busca na Plataforma Sucupira, uma referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação Brasileira.

Na seleção dos programas de pós-graduação, aplicou-se um filtro na área de avaliação da plataforma, especificamente em “Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo”. Embora a classificação incluía a área de Turismo, constatou-se na lista exportada a ausência de qualquer programa de pós-graduação cadastrado nesse domínio. Na lista exportada, observou-se que 7 universidades apresentaram programas de pós-graduação em administração ou ciências contábeis, totalizando 179 programas.

Após essa identificação, foram enviados e-mails para as secretarias dos cursos, incluindo uma descrição detalhada da proposta de pesquisa e a solicitação para que o questionário fosse repassado aos alunos matriculados. Durante esse processo, 3 e-mails foram considerados inválidos e um dos programas listados já havia sido descontinuado. A coleta de dados ocorreu entre julho e agosto de 2022, abrangendo um período total de 21 dias. No período, foram recebidos 318 questionários devidamente respondidos, constituindo uma amostra não probabilística, intencional e obtida por acessibilidade.

Para assegurar a confiabilidade e o anonimato das respostas, foi fornecido um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no início do questionário, no qual os participantes declaravam sua concordância em participar da pesquisa e autorizavam o uso dos dados para fins de publicações científicas. Ao final do formulário, foi oferecida a opção de fornecer um endereço de e-mail para os participantes que desejassem receber um resumo com os principais resultados do estudo.

3.2 Medidas

O instrumento utilizado nesta pesquisa foi desenvolvido na plataforma Microsoft Forms® e está organizado em quatro blocos, totalizando 52 questões. Dentre essas, 20 estão relacionadas à educação financeira, 16 abordam atitudes em relação ao dinheiro, 9 exploram a propensão ao endividamento, e 12 visam caracterizar os respondentes.

Para medir o nível de educação financeira, adotou-se a escala validada por Matta (2007), composta por 20 itens adaptados do instrumento original de Chen e Volpe (1998). As questões foram avaliadas utilizando uma escala Likert de 5 pontos, variando de 1 (Nunca) a 5 (Sempre).

Em relação às atitudes em relação ao dinheiro, foi utilizada a versão reduzida da Money Attitude Scale (MAS) originalmente desenvolvida por Yamauchi e Templer (1982) e validada para o contexto brasileiro na sua versão reduzida por Pimentel et al. (2012). A MAS é subdividida em 4 dimensões: poder, tempo de retenção, desconfiança e ansiedade, cada uma refletindo diferentes aspectos da relação do indivíduo com o dinheiro. Estes itens foram respondidos por meio de uma escala Likert, variando de 1 (Nunca) a 5 (Sempre).

Para avaliar a propensão ao endividamento, utilizou-se a escala traduzida e validada por Moura (2005), adaptada da escala original de Lea et al. (1995). Esta escala, amplamente utilizada em estudos sobre o tema, conforme mencionado por Flores & Vieira (2014), Oliveira (2020), Pinto e Rossato (2019), e Campos e Costa (2021), é dividida em três dimensões: grau de autocontrole, preferência temporal e impacto moral na sociedade. O questionário é avaliado por meio de uma escala Likert, variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

A última seção do instrumento contém questões para caracterizar os respondentes, incluindo informações como sexo, idade, estado civil, dependentes, situação financeira, tipo de bolsa, modalidade de curso (mestrado, doutorado e pós-doutorado), busca por informações financeiras e planejamento para aposentadoria. Esta seção tem como objetivo estabelecer o perfil dos participantes avaliados no estudo.

3.2 Procedimentos de Análise de Dados

Para validar os construtos e explorar as relações entre as variáveis medidas, adotou-se a técnica estatística de Análise Fatorial Exploratória (AFE), conforme recomendado por Hongyu (2018). Essa abordagem foi considerada apropriada

para todos os construtos investigados, conforme apontado por Flores & Vieira (2014). O modelo da análise fatorial é representado pela Equação 1, conforme apresentado abaixo:

$$F = \alpha_1 F_1 + \alpha_2 F_2 + \dots + \alpha_k F_k + \varepsilon \quad (1)$$

Em seguida, aplicou-se a técnica de Regressão Linear Simples, que, conforme Fávero et al. (2009), permite estudar a relação linear entre uma variável independente e uma variável dependente. A seguir, são apresentados os modelos gerados, juntamente com suas variáveis correspondentes.

$$ATD = \alpha_1 + \beta_1 ED + \varepsilon \quad (2)$$

$$PE = \alpha_1 + \beta_1 EF + \varepsilon \quad (3)$$

$$PE = \alpha_1 + \beta_1 ATD + \varepsilon \quad (4)$$

Em que:

ED representa Educação Financeira

ATD representa Atitude Frente ao Dinheiro

PE representa Propensão ao Endividamento

Para a análise dos dados, foram utilizados os seguintes softwares: Microsoft Excel® para a tabulação dos dados, empregando análises descritivas de frequência e percentual. O método de Factor Analysis foi empregado para a redução de itens, identificando as variáveis mais representativas de cada construto, conforme indicado por Hair et al. (2019) e Kirch et al. (2017). E o software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) foi utilizado para a análise estatística dos dados, por meio do método de regressão linear.

4 RESULTADOS

4.1 Análise descritiva

A análise descritiva dos participantes revelou que, em todos os níveis educacionais (mestrado, doutorado e pós-doutorado), predominou o sexo feminino, com 62,89% dos respondentes sendo mulheres. Em relação à faixa etária, observou-se que a categoria mais comum estava entre 31 e 40 anos, representando 40,57% dos participantes, seguida pela faixa de 25 a 30 anos, com 35,22%. Quanto ao estado civil, a maioria dos participantes era composta por solteiros (53,14%), enquanto 46,54% eram casados. Em termos de dependentes, a maioria não possuía (65,09%).

No que diz respeito à situação financeira, a maioria dos participantes estava empregada (62,58%), enquanto 36,16% recebiam bolsa ou auxílio da família. A bolsa mais comum entre os participantes foi a CAPES (72%), seguida pelo CNPQ e outras bolsas (FAPESC, UNIEDU, etc.).

Em relação à busca de informações relacionadas a finanças pessoais, constatou-se que 38,05% dos respondentes buscavam somente quando necessário, 42,14% buscavam com frequência para se manterem informados e 19,81% nunca ou quase nunca buscavam. Notou-se que os indivíduos que não buscavam informações sobre finanças pessoais eram em sua maioria aqueles sem dependentes (77,42%), sendo que 87,10% destes eram mulheres, das quais 67,74% eram solteiras ou divorciadas. Os meios mais utilizados para busca de informações foram a internet (68,87%) e seminários e palestras (13,21%).

4.2 Avaliação do Modelo de Mensuração

Nesta fase, foi inicialmente conduzida uma avaliação do modelo de medição, abrangendo as variáveis latentes do estudo por meio da Análise Fatorial Exploratória (AFE), permitindo identificar as relações subjacentes entre as variáveis latentes medidas (Hongyu, 2018). Conforme explanado por Hongyu (2018), no modelo de AFE, caso uma variável demonstre independência estatística das demais, exibindo correlações reduzidas, tais variáveis podem ser eliminadas por não contribuírem para a formação de um fator comum.

Após a execução do modelo, foram removidos os indicadores ATR_1 do construto de atitudes frente ao dinheiro, PE7 do construto de propensão ao endividamento, e os indicadores ED3, ED6, ED9, ED11, ED14, ED15, ED116, ED19, ED20 do construto de Educação Financeira, por não atenderem aos níveis mínimos recomendados de correlação. Hair et al. (2022) sugerem o valor de 0,500 como o mínimo aceitável. Após a exclusão dos indicadores mencionados, procedeu-se à etapa de avaliação do modelo estrutural.

4.3 Avaliação do Modelo Estrutural

Na etapa seguinte da pesquisa, foi utilizado o método de regressão linear simples para avaliar o modelo estrutural. Conforme Hair Jr. et al. (2022), esse modelo é fundamental para examinar as relações de dependência entre os construtos investigados, verificando as hipóteses propostas.

Tabela 1 - Estatística do Modelo de Regressão

Modelo	R	R ²	R ² ajustado	Erro padrão
ED → ATD	0,244	0,060	0,057	0,971
ED → PE	0,350	0,123	0,120	0,938
ATD → PE	0,350	0,107	0,104	0,947

Nota: (ATD) Atitude Frente ao Dinheiro; (ED) Educação Financeira; (PE) Propensão ao Endividamento; (Sig.) Significância.

Segundo Fávero et al. (2009), o R² em um modelo de regressão é empregado para expressar o poder explicativo, representando a porcentagem de variação de uma variável independente, variando entre 0 e 1 (0% a 100%). Quanto mais próximo de 1, maior é o poder explicativo. Conforme evidenciado na Tabela 2, ao comparar os valores do R e do R² dos três modelos analisados (0,06%, 0,12% e 0,10%), percebe-se uma variação pequena nas três relações. Stock e Watson (2004) e Favero et al. (2009) explicam que o valor do R² não é suficiente para determinar se uma variável é a verdadeira causa de uma mudança na variável dependente. Contudo, valores baixos podem indicar a presença de outras variáveis influenciando essas relações.

Para uma compreensão mais aprofundada da significância do modelo de regressão e das relações preestabelecidas, outros fatores são analisados, como evidenciado nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2 - Teste de Análise de Variância - ANOVA

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	z	p-value
ED → ATD	Regressão	18,899	1	18,899	20,033	0,000***
	Resíduo	298,101	316	0,943		
	Total	317,000	317			
ED → PE	Regressão	38,914	1	38,914	44,220	0,000***
	Resíduo	278,086	316	0,880		
	Total	317,000	317			
ATD → PE	Regressão	33,773	1	33,773	37,681	0,000***
	Resíduo	283,227	316	0,896		
	Total	317,000	317			

Nota: (ATD) Atitude Frente ao Dinheiro; (ED) Educação Financeira; (PE) Propensão ao Endividamento; (Sig.) Significância.

O teste de Análise de Variância (ANOVA) é empregado para comparar a variação entre as medianas de diferentes grupos, sendo também utilizado para verificar a significância do modelo (Hair et al., 2022). A partir dos resultados apresentados sobre a significância dos modelos, os quais se aproximam de zero, foi possível rejeitar a hipótese nula de igualdade entre as variâncias explicada e não explicada nos três modelos. Isso sugere que, mesmo com valores baixos de R², há um potencial explicativo nos modelos considerados, indicando diferenças significativas no comportamento das variáveis dependentes, dadas as variáveis explicativas. Como observado na Tabela 3, os modelos foram significativos no nível de 1%.

Tabela 3 - Coeficientes

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t-value	p-value
		β	Erro Padrão	Beta		
ED $\rightarrow$ ATD	(Constante)	-7,474E-17	0,054		0,000	1,000
	ED	-0,244	0,055	-0,244	-4,476	0,000
ED $\rightarrow$ PE	(Constante)	1,819E-18	0,053		0,000	1,000
	ED	-0,350	0,053	-0,350	-6,650	0,000
ATD $\rightarrow$ PE	(Constante)	4,908E-17	0,053		0,000	1,000
	ATD	0,326	0,053	0,326	6,138	0,000

Legenda: (ATD) Atitude Frente ao Dinheiro; (ED) Educação Financeira; (PE) Propensão ao Endividamento; (Sig.) Significância.

A análise revelou níveis variados de aceitação das três hipóteses do estudo. As relações indicadas pelos resultados dos valores p sugerem que H1 (ED $\rightarrow$ PE) e H2 (ED $\rightarrow$ ATD) estão interligadas, no sentido de que a educação financeira (ED) atua simultaneamente sobre a propensão ao endividamento (PE) e sobre as atitudes frente ao dinheiro (ATD). Além disso, a H3 (ATD $\rightarrow$ PE) apresentou uma relação positiva. De modo geral, esses resultados sugerem que o aumento do nível de educação financeira está associado à redução nos níveis de inadimplência (Brown et al., 2016). De acordo com a OECD (2015), a educação financeira vai além da simples economia, englobando o entendimento do dinheiro e a consciência das oportunidades e riscos financeiros.

4.4 Discussão dos resultados

Os achados deste estudo oferecem contribuições significativas para o entendimento das relações entre educação financeira, atitudes frente ao dinheiro e propensão ao endividamento. Três hipóteses foram examinadas e confirmadas evidenciando uma associação negativa entre educação financeira e atitudes em relação ao dinheiro (H1), bem como entre educação financeira e propensão ao endividamento (H2), e uma associação positiva entre atitudes em relação ao dinheiro e propensão ao endividamento (H3).

A análise da influência dos valores financeiros revela que indivíduos que valorizam a posse de dinheiro tendem a uma menor propensão ao endividamento, em virtude de práticas de poupança e gastos planejados. Em contraste, aqueles que percebem o dinheiro como um indicador de poder e status mantêm um padrão elevado de consumo, o que está correlacionado com uma propensão maior ao endividamento. Esta relação é adicionalmente associada ao fenômeno do materialismo, onde altos níveis dessa característica se alinham a uma maior propensão ao endividamento.

Os resultados coletados corroboram essa dinâmica, com uma parcela considerável de respondentes (11,63%) manifestando concordância em assumir dívidas para quitação de contas e uma porcentagem (9,43%) demonstrando falta de priorização à economia prévia aos gastos. Além disso, 34,27% dos respondentes preferem parcelar ao invés de pagar à vista e 52,83% não veem problema em ter dívida, pois sabem que podem pagá-la posteriormente. Essas constatações ecoam descobertas prévias, tais como as de Brown et al. (2016), que também indicam que a educação financeira desempenha papel na redução da dependência de dívidas e na melhoria dos hábitos de pagamento.

A presença mais intensiva de educação financeira entre estudantes de administração e contabilidade sugere uma possível redução na propensão ao endividamento, conforme evidenciado pelo elevado percentual de respondentes que buscam informações sobre finanças pessoais com frequência. Esse discernimento encontra suporte em estudos como o de Gathergood & Disney (2011), os quais apontam que famílias com maior alfabetização financeira adotam uma abordagem mais racional em relação ao controle financeiro.

A análise de variáveis como idade, número de dependentes e situação financeira coincide com investigações anteriores (Katona, 1975; Flores & Vieira, 2014; Oliveira, 2020), que reportam uma propensão maior ao endividamento entre indivíduos do sexo feminino. A distinção entre os grupos de estudantes, baseada na fonte de renda, revela diferenças significativas no interesse por informações financeiras e na formulação de planos para aposentadoria. Isso destaca a influência direta da origem do rendimento na abordagem individual às finanças pessoais.

As atitudes em relação ao dinheiro exercem influência na propensão ao endividamento, especialmente quando observados altos níveis de materialismo, como apontado por Durvasula e Lysonski (2010). No entanto, entre os estudantes de pós-graduação em administração e contabilidade, identificou-se um baixo nível de materialismo, possivelmente atribuível à educação financeira oferecida. Essas conclusões reforçam a relevância do conhecimento financeiro na adoção de comportamentos financeiros responsáveis e corroboram achados anteriores, como os de Qamar et al. (2016), que estabelecem uma relação positiva entre o conhecimento financeiro e práticas financeiras mais prudentes.

Em suma, este estudo não apenas confirma relações anteriormente propostas, mas também destaca a importância da educação financeira na formação de atitudes e práticas financeiras mais saudáveis, especialmente entre estudantes com maior exposição a esse tipo de conhecimento. Essas descobertas têm implicações significativas para políticas educacionais e programas de intervenção voltados para o desenvolvimento de habilidades financeiras, visando a redução da propensão ao endividamento e a promoção de comportamentos financeiros mais responsáveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar o efeito da educação financeira e das atitudes frente ao dinheiro na propensão ao endividamento. A H1, que propôs uma relação negativa entre educação financeira e propensão ao endividamento, foi confirmada, indicando que maior educação financeira reduz significativamente a propensão ao endividamento. A H2, que explorou a relação negativa entre educação financeira e atitudes frente ao dinheiro, também foi suportada pelos dados, sugerindo que uma maior educação financeira está associada a atitudes mais conscientes e equilibradas frente ao uso do dinheiro. Por fim, a H3, que postulou uma relação positiva entre atitudes frente ao dinheiro e propensão ao endividamento, foi confirmada, evidenciando que atitudes financeiras menos conscientes contribuem para maiores níveis de endividamento.

A análise revelou que a educação financeira desempenha um papel central na formação de comportamentos financeiros mais saudáveis, reduzindo a propensão ao endividamento e influenciando positivamente as atitudes financeiras. A partir dessas descobertas, foi possível estabelecer que cada objetivo específico do estudo foi contemplado de forma consistente, reforçando a relevância das relações entre os construtos investigados. Esses resultados corroboram com a literatura existente e destacam a importância de iniciativas voltadas à educação financeira para promover estabilidade financeira em diferentes contextos.

Como pode ser observado, o endividamento é um fenômeno complexo com raízes profundas que vão além do mero aspecto financeiro. Estudos destacam a relevância da educação financeira como um elemento preventivo crucial para capacitar as pessoas a gerirem seus recursos e prevenir a acumulação de dívidas (Flores & Vieira, 2014; Kaiser, 2022). Durante esta pesquisa, foi constatado um elevado nível de consciência financeira entre os participantes, correlacionado a menor propensão de endividamento. Isso não apenas abre novas perspectivas para investigação, mas também aponta para áreas de estudo adicionais, incluindo uma análise mais detalhada dos impactos adversos, como o estresse derivado da carga intensa de atividades acadêmicas e os baixos rendimentos oferecidos pelas bolsas de estudo.

As atitudes frente ao dinheiro desempenham um papel crucial na propensão ao endividamento. Indivíduos com falta de controle emocional em questões financeiras frequentemente gastam excessivamente, tornando-se mais suscetíveis a contraírem dívidas (Durvasula & Lysonski, 2010). Adicionalmente, a ausência de planejamento financeiro resulta em compras impulsivas e na incapacidade de honrar com os compromissos financeiros. Neste contexto, a educação financeira oferece orientações sobre como planejar e gerenciar despesas, auxiliando na tomada de decisões relacionadas às finanças.

Stone e Maury (2006) identificaram que comportamentos como obsessão, inadequação e retenção desempenham papéis significativos no endividamento. Aqueles que cultivam o hábito de poupar tendem a valorizar mais seus recursos financeiros, enquanto atitudes negativas em relação ao dinheiro podem gerar problemas de motivação, desequilíbrios emocionais e alterações comportamentais (Flores & Vieira, 2014). O mau hábito financeiro, o consumo excessivo e o uso indiscriminado do crédito são exemplos de atitudes negativas que impactam diretamente na propensão ao endividamento. Além disso, outros fatores como estresse, ansiedade e características individuais podem influenciar nesta dinâmica, contribuindo para melhorar ou agravar a forma como cada um administra suas finanças.

Este estudo oferece contribuições significativas ao debater temas contemporâneos a partir de perspectivas diferenciadas, visando identificar outros fatores de impacto na propensão ao endividamento. Além disso, buscou-se compreender o comportamento financeiro de indivíduos que têm maior acesso à educação financeira. Os achados revelam não apenas a relação direta entre atitudes em relação ao dinheiro e endividamento, mas também destacam a importância crucial de fatores como estresse, ansiedade e características individuais na dinâmica financeira.

Os achados deste estudo têm implicações significativas tanto para a prática na sociedade quanto para o avanço teórico das pesquisas científicas. Na esfera prática, oferecem um olhar detalhado sobre os determinantes do endividamento, auxiliando na elaboração de estratégias eficazes de educação financeira e intervenções para mitigar o endividamento excessivo. Essas descobertas podem orientar políticas públicas voltadas para a conscientização financeira, além de direcionar programas educacionais que visam melhorar a alfabetização financeira desde as fases iniciais da educação.

No âmbito teórico, os achados fornecem uma base sólida para pesquisas futuras, destacando a necessidade de considerar não apenas os aspectos de conhecimento financeiros, mas também os fatores comportamentais, emocionais e psicológicos que moldam as decisões financeiras individuais. Isso pode estimular novos estudos multidisciplinares que explorem mais a fundo a interseção entre psicologia, comportamento humano e finanças, enriquecendo assim o campo da literatura acadêmica nessa área.

O estudo apresenta algumas limitações importantes que devem ser consideradas. Embora os resultados tenham revelado uma menor propensão ao endividamento entre os respondentes mais conscientes e cuidadosos com suas finanças pessoais, é crucial reconhecer que as variáveis e relações estabelecidas têm suas limitações. A generalização de exemplos específicos de propensão ao endividamento pode ser desafiadora devido à diversidade de contextos individu-

ais e influências externas. Sendo assim, sugere-se que sejam realizados experimentos longitudinais, no sentido de minimizar possíveis erros de medição e garantir uma compreensão mais aprofundada desses fenômenos ao longo do tempo.

Além disso, o estudo identificou a influência de variáveis como estresse, ansiedade e características individuais no comportamento financeiro, mas não aprofundou seu papel como mediadoras dessas relações. Essas variáveis podem desempenhar papéis cruciais, atuando como mediadores entre a conscientização financeira e o comportamento financeiro. Assim, há uma oportunidade de pesquisa para explorar a influência direta e indireta destes fatores, fornecendo insights sobre como tais aspectos impactam o endividamento e as decisões financeiras.

Portanto, a inclusão de variáveis mediadoras e moderadoras adicionais é fundamental para uma análise mais abrangente e precisa desses fenômenos. Isso permitirá uma compreensão mais holística das relações entre conscientização financeira, atitudes em relação ao dinheiro e propensão ao endividamento, contribuindo para a evolução da pesquisa nessa área e para a criação de estratégias mais eficazes de educação financeira.

Financiamento

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio de bolsas de doutorado – Código de Financiamento 001.

Conflito de interesses

Os autores declararam não haver conflitos de interesse em relação à autoria e/ou publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

- Abrantes-Braga, F. D. M., & Veludo-de-Oliveira, T. (2019). Development and validation of financial well-being related scales. *International Journal of Bank Marketing*, 37(4), 1025-1040. <https://doi.org/10.1108/ijbm-03-2018-0074>
- Becchetti, L., Caiazza, S., & Coviello, D. (2013). Financial education and investment attitudes in high schools: evidence from a randomized experiment. *Applied Financial Economics*, 23(10), 817-836. <https://doi.org/10.1080/09603107.2013.767977>
- Boddington, L., & Kemp, S. (1999). Student debt, attitudes towards debt, impulsive buying, and financial management. *New Zealand journal of psychology*, 28(2), 89.
- Brandão, C. R. (2017). *O que é educação popular*. Brasiliense.
- Brasil (1996). Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, 23 dez. 1996. Recuperado em 20 de junho de 2022, em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm.
- Brasil (2010). Decreto n° 7.397, de 22 de dezembro de 2010. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, 23 dez. 2010. Recuperado em 20 de junho de 2022, em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7397.htm.
- Brown, M., Grigsby, J., Van Der Klaauw, W., Wen, J., & Zafar, B. (2016). Financial education and the debt behavior of the young. *The Review of Financial Studies*, 29(9), 2490-2522. <https://doi.org/10.1093/rfs/hhw006>
- Campos, P. O., & da Costa, M. F. (2021). Regulatory focus and construal level theory on low-income consumer indebtedness: Evidence from an emerging market. *International Journal of Emerging Markets*. <https://doi.org/10.1108/IJOEM-08-2020-0870>
- Chen, H., & Volpe, R. P. (1998). An analysis of personal financial literacy among college students. *Financial services review*, 7(2), 107-128. [https://doi.org/10.1016/S1057-0810\(99\)80006-7](https://doi.org/10.1016/S1057-0810(99)80006-7)
- Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas – CNDL (2016). O conceito do endividamento e as consequências da inadimplência.
- Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo – CNC (2022). Brasil encerrou 2021 com recorde de endividados. Recuperado em 20 de agosto de 2022, de: <https://www.portaldocomercio.org.br/noticias/brasil-encerrou-2021-com-recorde-de-endividados/410549>.
- D’Orazio, P. (2019). Income inequality, consumer debt, and prudential regulation: an agent-based approach to study the emergence of crises and financial instability. *Economic Modelling*, 82, 308–331. <https://doi.org/10.1016/j.econmod.2019.01.015>
- Dowling, N., Tim, C., & Hoiles, L. (2009). Financial management practices and money attitudes as determinants of financial problems and dissatisfaction in young male Australian workers. *Journal of financial counseling and planning*, 20(2), 5-13. [papers.ssrn.com](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2222945). https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2222945
- Durvasula, S., & Lysonski, S. (2010). Money, money, money—how do attitudes toward money impact vanity and materialism? – the case of young Chinese consumers. *Journal of Consumer Marketing*, 27(2), 169-179. <https://doi.org/10.1108/07363761011027268>
- Fan, L., & Chatterjee, S. (2019). Financial socialization, financial education, and student loan debt. *Journal of Family and Economic Issues*, 40(1), 74-85. <https://doi.org/10.1007/s10834-018-9589-0>
- Fávero, L. P., Belfiore, P., Silva, F. D., & Chan, B. L. (2009). *Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Fávero, L. P., & Fávero, P. (2015). *Análise de dados: modelos de regressão com Excel. Stata e SPSS*. Flores, S. A. M. (2012). Modelagem de equações estruturais aplicada à propensão ao endividamento: uma análise de fatores comportamentais. *Ufsm.br*. <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/4621>
- Flores, S. A. M., Vieira, K. M., & Coronel, D. A. (2013). Influência de fatores comportamentais na propensão ao endividamento. *Revista de Administração FACES*, 12(2), 13-35. <https://doi.org/10.21714/1984-6975FACES2013V12N2ART808>

- Flores, S. A. M., & Vieira, K. M. (2014). Propensity toward indebtedness: An analysis using behavioral factors. *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, 3, 1–10. <https://doi.org/10.1016/j.jbef.2014.05.001>
- Gathergood, J., & Disney, R. F. (2011). Financial Literacy and Indebtedness: New Evidence for U.K. Consumers. *SSRN Electronic Journal*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.1851343>
- Hair, J. F., Hult, G. T. M., Ringle, C. M., & Sarstedt, M. (2022). *A Primer on Partial Least Squares Structural Equation Modeling (PLS-SEM)*, 3rd Ed., Sage: Thousand Oaks.
- Hongyu, K. (2018). Análise Fatorial Exploratória: resumo teórico, aplicação e interpretação. *ES Engineering and Science*, 7(4), 88–103. <https://doi.org/10.18607/ES201877599>
- Hoffmann, A.O.I. & McNair, S.J. (2019). How Does Consumers' Financial Vulnerability Relate to Positive and Negative Financial Outcomes? The Mediating Role of Individual Psychological Characteristics. *J Consum Aff*, 53: 1630-1673. <https://doi.org/10.1111/joca.12233>.
- Iannario, M., Anna Clara Monti, & Scalera, D. (2024). Modeling Financial Risk Attitude: The Role of Education And Financial Literacy. *Financial Internet Quarterly*, 20(2), 1–14. <https://doi.org/10.2478/fiqf-2024-0008>
- Jumady, E., Alam, S., Hasbiyadi, H., Fajriah, Y., & Anggraini, Y. (2024). The Effect of Financial Planning on Consumer Debt Management: The Role of Financial Literacy, Self-Efficacy, and Financial Motivation. *Atestasi : Jurnal Ilmiah Akuntansi*, 7(1), 340–368. <https://doi.org/10.57178/atestasi.v7i1.793>
- Kaiser, T., Lusardi, A., Menkhoff, L., & Urban, C. (2022). Financial education affects financial knowledge and downstream behaviors. *Journal of Financial Economics*, 145(2), 255–272. <https://doi.org/10.1016/j.jfineco.2021.09.022>
- Katona, G. (1975). *Psychological economics*. New York: Elsevier.
- Kim, M. (2021). A psychological approach to Bitcoin usage behavior in the era of COVID-19: Focusing on the role of attitudes toward money. *Journal of Retailing and Consumer Services*, 62, 102606. <https://doi.org/10.1016/j.jretconser.2021.102>
- Kirch, J. L., Hongyu, K., Silva, F. de L., & Dias, C. T. dos S. (2017). Análise fatorial para avaliação dos questionários de satisfação do curso de estatística de uma instituição federal. *ES Engineering and Science*, 6(1), 4–13. <https://doi.org/10.18607/ES201764748>
- Klapper, L., & Lusardi, A. (2019). Financial literacy and financial resilience: Evidence from around the world. *Financial Management*, 49(3), 589–614. <https://doi.org/10.1111/fima.12283>
- Lea, S. E., Webley, P., & Walker, C. M. (1995). Psychological factors in consumer debt: Money management, economic socialization, and credit use. *Journal of economic psychology*, 16(4), 681–701. [https://doi.org/10.1016/0167-4870\(95\)00013-4](https://doi.org/10.1016/0167-4870(95)00013-4)
- Matta, R. O. B. (2010). Oferta e demanda de informação financeira pessoal: o Programa de Educação Financeira do Banco Central do Brasil e os universitários do Distrito Federal. *Repositório Institucional da UnB*. <http://repositorio.unb.br/handle/10482/5293>
- Matos, C. A. de, Vieira, V., Bonfanti, K., & Mette, F. M. B. (2019). Antecedents of indebtedness for low-income consumers: the mediating role of materialism. *Journal of Consumer Marketing*, 36(1), 92–101. <https://doi.org/10.1108/jcm-09-2017-2352>
- Medina, J. F., Saegert, J., & Gresham, A. (1996). Comparison of Mexican-American and Anglo-American attitudes toward money. *Journal of Consumer Affairs*, 30(1), 124–145. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.1996.tb00728.x>
- Moura, A. G. D. (2005). Impacto dos diferentes níveis de materialismo na atitude ao endividamento e no nível de dívida para financiamento do consumo nas famílias de baixa renda do município de São Paulo. *Repositorio.fgv.br*. <https://repositorio.fgv.br/items/39ce029e-5d32-477e-8f8b-986a124a56cd>
- Ng, H. K. S., Tam, K.-P., & Shu, T.-M. (2011). The money attitude of covert and overt narcissists. *Personality and Individual Differences*, 51(2), 160–165. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.03.036>
- Oliveira, S. F. D. (2020). Influence of behavioral factors on the propensity for indebtedness of university students. *Revista de Administração da UFSM*, 13, 829–849. <https://doi.org/10.5902/1983465935196>
- Organisation for Economic Cooperation and Development (2005). Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness. Recuperado em 15 de maio de 2022, em <https://www.oecd.org/finance/financial-education/35108560.pdf>.
- Pimentel, C. E., Milfont, T. L., Gouveia, V. V., Mendes, L. A., & Vione, K. (2012). Escala de atitudes frente ao dinheiro (MAS): Teste de modelos e poder preditivo. *Revista Interamericana de Psicologia/ Interamerican Journal of Psychology*, 46(2). <https://doi.org/10.30849/rip/ijp.v46i2.310>
- Pinto, N. G. M., & Rossato, V. P. (2019). Análise da propensão ao endividamento em um contexto universitário. *Estudos Do CEPE*, (49), 115–130. <https://doi.org/10.17058/cepe.v0i49.13787>.
- Qamar, M. A. J., Khemta, M. A. N., & Jamil, H. (2016). How knowledge and financial self-efficacy moderate the relationship between money attitudes and personal financial management behavior. *European Online Journal of Natural and Social Sciences*, 5(2), 296–308. Recuperado de <https://european-science.com/eojnss/article/view/3234>
- Sotiropoulos, V., & d'Astous, A. (2013). Attitudinal, self-efficacy, and social norms determinants of young consumers' propensity to overspend on credit cards. *Journal of Consumer Policy*, 36(2), 179–196. <https://doi.org/10.1007/s10603-013-9223-3>
- Stock, J. H., & Watson, M. W. (2014). Estimating turning points using large data sets. *Journal of Econometrics*, 178, 368–381. <https://doi.org/10.1016/j.jeconom.2013.08.034>
- Stone, B., & Maury, R. V. (2006). Indicators of personal financial debt using a multi-disciplinary behavioral model. *Journal of economic psychology*, 27(4), 543–556. <https://doi.org/10.1016/j.joep.2005.11.002>

Tan, X., Xiao, J. J., Meng, K., & Xu, J. (2024). Financial education and budgeting behavior among college students: Extending the theory of planned behavior. *International Journal of Bank Marketing*. <https://doi.org/10.1108/IJBM-05-2024-0285>

Tang, T. L. P. (1995). The development of a short money ethic scale: Attitudes toward money and pay satisfaction revisited. *Personality and individual differences*, 19(6), 809-816. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(95\)00133-6](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(95)00133-6)

Trento, T. R., & Braum, L. M. dos S. (2022). Desenvolvimento e validação de conteúdo de uma escala de mensuração da alfabetização financeira: Development and content validation of a financial literacy measurement scale. *Ciências Sociais Aplicadas Em Revista*, 20(39), 133–160. <https://doi.org/10.48075/csar.v20i39.29157>

Vieira, K. M., Moreira, F. D. J., & Potrich, A. C. G. (2019). Indicador de educação financeira: proposição de um instrumento a partir da teoria da resposta ao item. *Educação & Sociedade*, 40. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302018182568>

Vieira, K. M., Moreira Junior, F. de J., & Potrich, A. C. G. (2019). Indicador de educação financeira: proposição de um instrumento a partir da teoria da resposta ao item. *Educação & Sociedade*. 40. <https://10.1590/es0101-73302018182568>.

Vitt, L. A. (2004). Consumers' financial decisions and the psychology of values. *Journal of Financial Services Professionals*. <https://ssrn.com/abstract=1856318>

Watson, J. J. (2003). The relationship of materialism to spending tendencies, saving, and debt. *Journal of economic psychology*, 24(6), 723-739. <https://doi.org/10.1016/j.joep.2003.06.001>

Yamauchi, K. T., & Templer, D. J. (1982). The development of a money attitude scale. *Journal of personality assessment*, 46(5), 522-528. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4605_14

APÊNDICE A – INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Tabela A1 - Atitudes Frente ao Dinheiro

Dimensão	Código	Indicadores
Poder	At_P1	Compro coisas que sei que vão impressionar outras pessoas.
	At_P2	Embora devesse julgar as pessoas pelos seus atos, sou mais influenciado pelo dinheiro que possuem.
	At_P3	Possuo coisas legais para impressionar as outras pessoas.
	At_P4	Eu uso o dinheiro para influenciar as pessoas a fazerem algo para mim.
Retenção	At_R1	Eu sigo um orçamento financeiro cauteloso.
	At_R2	Guardo dinheiro agora para me preparar para a velhice.
	At_R3	Guardo dinheiro regularmente para o futuro.
	At_R4	Tenho dinheiro guardado para o caso de uma crise econômica
Desconfiança	At_D1	Eu digo automaticamente que não posso pagar, mesmo que possa.
	At_D2	Quando compro alguma coisa reclamo do preço.
	At_D3	Discuto ou reclamo do preço das coisas que compro.
	At_D4	Depois de comprar alguma coisa me pergunto se poderia ter comprado mais barato em outro lugar.
Ansiedade	At_A1	Fico chateado quando perco uma liquidação.
	At_A2	Eu demonstro sinais de nervosismo quando não tenho dinheiro suficiente.
	At_A3	Eu gasto dinheiro para me sentir melhor.
	At_A4	É difícil para mim perder uma pechincha.

Fonte: Pimentel et al. (2012)

Tabela A2 - Educação Financeira

Código	Indicadores
ED1	Me preocupo em gerenciar melhor o dinheiro.
ED2	Anoto e controlo os gastos mensais (ex: planilha de receitas e despesas mensais, caderno de anotações financeiras etc.).
ED3	Estabeleço metas financeiras que influenciam na administração de minhas finanças (ex. Poupar uma quantia em 1 ano, sair do cheque especial em 3 meses).
ED4	Sigo um orçamento ou plano de gastos semanal ou mensal.
ED5	Fico mais de um mês sem fazer o balanço dos meus gastos.
ED6	Estou satisfeito com o sistema de controle das finanças.
ED7	Pago as contas sem atraso.
ED8	Consigo identificar os custos que pago ao comprar um produto à crédito (ex: juros embutidos).
ED9	Utilizo cartão de crédito bancário por não possuir dinheiro disponível para as despesas.
ED10	Ao comprar a prazo, faço comparação entre as opções de crédito disponíveis (ex: financiamento da loja x financiamento do cartão de crédito).
ED11	Mais de 10% da renda que recebo no mês seguinte está comprometida com compras à crédito (exceto financiamento de imóvel ou veículo).
ED12	Pago integralmente a fatura do cartão de crédito a fim de evitar encargos financeiros (juros e multa).
ED13	Confiro a fatura do cartão de crédito para averiguar erros e cobranças indevidas.
ED14	Poupo mensalmente.
ED15	Poupo com a intenção de comprar um produto de maior valor como carro, imóvel etc.
ED16	Possuo uma reserva financeira que seja maior ou igual a 3 vezes a minha renda mensal, que possa ser usada em casos inesperados (ex: desemprego, saúde).
ED17	Comparo preços ao fazer uma compra.
ED18	Analiso as minhas finanças com profundidade antes de fazer alguma grande compra.
ED19	Compro por impulso.
ED20	Prefiro comprar um produto financiado ao invés de juntar dinheiro para comprar à vista.

Fonte: Matta (2007)

Tabela A3 - Propensão ao Endividamento

Dimensão	Código	Indicadores
Impacto da moral na sociedade	PEI1	Não é certo gastar mais do que ganho.*
	PEI2	Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar suas coisas
	PEI3	As pessoas ficariam desapontadas comigo se soubessem que tenho dívida.*
Preferência no tempo	PET4	É melhor primeiro juntar dinheiro e só depois gastar.*
	PET5	Prefiro comprar parcelado a esperar ter dinheiro para comprar à vista.
	PET6	Prefiro pagar parcelado mesmo que no total seja mais caro.
Grau de autocontrole	PEG7	Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco.*
	PEG8	É importante saber controlar os gastos da minha casa.
	PEG9	Não tem problema ter dívida se eu sei que posso pagar.

Fonte: Moura (2005)

Nota: * Itens reversos